

O PAPEL (AINDA POUCO EXPLORADO) DAS GÍRIAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Paulo RAMOS¹

RESUMO: Esta comunicação procura mostrar que as histórias em quadrinhos são um promissor campo de estudos das gírias, embora ainda pouco explorado em termos sociolinguísticos. A proposta é mostrar que: 1) o léxico gírio é um recurso importante para caracterizar os diferentes níveis de fala dos personagens; 2) tem ocorrido nas últimas décadas um aumento do volume de gírias nas histórias em quadrinhos produzidas e traduzidas no Brasil; 3) a gíria configura um registro do vocabulário popular brasileiro utilizado em determinada época. A abordagem e a reflexão teórica serão feitas com base na análise lexical de trechos de histórias em quadrinhos. Também serão observadas algumas mudanças gírias de uma mesma história, publicada no país em diferentes momentos históricos. A pesquisa será ancorada principalmente em trabalhos de Preti (1973, 1984, 1998, 2000, 2003), autor que vê nos diferentes modos de produção midiática (jornal, televisão e outras) a principal fonte de expansão do vocabulário gírio - até então restrito a um determinado grupo - a um maior número de falantes.

PALAVRAS-CHAVE: gíria; gíria comum; histórias em quadrinhos; níveis de fala; vocabulário popular

E aí, geral da Panini, na boa? Fala sério, cês tão mandando muito bem, sem zoação... Tá muito f#%@ mermo, sacóé? Tipo, o formato e a capa dura tão na moral, sem falar naquelas paradas de notícia e correio manero... Se vocês não entenderam alguma coisa, foi mal -quer dizer, desculpa, mas é mais ou menos assim que os cariocas, mineiros, gaúchos se sentiam quando viam o Wolverine falando "faz uma cara" e "desencana". Eu sei que vocês estão começando, então, considerem isso um pedido: não usem gírias paulistas! Entendo que elas servem pra aproximar os personagens da realidade, mas tentem usar gírias conhecidas e usadas na maior parte do País, por favor.

Thiago do Valle Mattos - Rio de Janeiro (RJ)

¹ UMESP, Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas. Rua Alfeu Tavares, 149, CEP 09641-000, São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil. E-mail: webramos@bol.com.br

O trecho é uma carta, publicada no quarto número da revista em quadrinhos *X-Men*, lançada pela editora Panini em abril de 2002. Os personagens que dão nome à publicação, os super-heróis *X-Men*, são mais conhecidos pelo grande público por causa de adaptações de suas aventuras para o cinema. São seres dotados de mutação genética (chamados de mutantes), que lhes confere dons fora do comum: lançar raios pelos olhos, usar o poder da mente para penetrar nos pensamentos de outras pessoas, controlar os fenômenos climáticos. *Wolverine*, dono de um temperamento agressivo e de afiadas garras que saem das mãos, é o mais popular junto aos fãs, o que justificaria o fato de ter sido citado na carta.

As histórias dos *X-Men* são produzidas nos Estados Unidos. Meses depois, são traduzidas e editadas no Brasil. É sobre a edição nacional a principal crítica feita pelo leitor carioca Thiago do Valle Mattos. Segundo ele, a presença de gírias paulistas (sic.) dificulta a leitura da revista para quem não mora no estado de São Paulo. Na revista em que a carta foi publicada, é possível encontrar, numa só página (p. 8), vocábulos como "sacumé" (sabe como é) e "xará" (amigo, qualquer pessoa). Ambos têm teor gírico e constam no dicionário de gírias de Gurgel (1998).

O leitor levanta na carta algumas questões bem pertinentes e ainda pouco exploradas cientificamente no campo da Linguística. Como se dá a caracterização da fala popular brasileira nos quadrinhos? Até que ponto o uso de gírias auxilia nessa representação?

As respostas exigem um estudo prático. Neste artigo, serão analisadas três versões de uma mesma história em quadrinhos norte-americana, traduzida no Brasil em momentos históricos distintos (1970, 1976, 1997). Com base no levantamento, será possível evidenciar alguns caminhos para as questões levantadas aqui.

Antes, no entanto, é preciso deixar claro o que se entende por gíria e como os meios de comunicação podem auxiliar no processo de popularização delas.

O que é gíria?

O conceito de gíria, no senso comum, é facilmente assimilável. Mas não é tão simples assim. Urbano (2001, p. 197), após análise de mil palavras gírias, reconheceu a dificuldade de se obterem conclusões definitivas pelo fato de ser uma "área muito movediça de explicação etimológico-semântica". Nem sempre a definição se ajusta à prática como gostaríamos, e não se pode caminhar adiante sem ter uma clara idéia do que seja gíria.

Os estudos do assunto recomentam à Sociolinguística, área que defende a presença de variações linguísticas, manifestadas em diversos *níveis de fala* (PRETI, 1973, p. 33). Diferentes fatores podem estimular a presença dos níveis: contexto situacional, classe social, idade, posição geográfica, profissão, sexo, papel social.

Apesar de a língua ter caráter variável e de sua utilização ser segmentada em níveis, a própria sociedade convencionada determinados usos e construções e os estabiliza numa *norma linguística*, seguida pela maioria dos falantes. A norma se manifesta mais visivelmente nos campos sintático e lexical. O primeiro tem caráter mais tradicional, menos propenso a mudanças. O segundo, o lexical, está mais apto a alterações e é "o reflexo mais perfeito das mudanças sociais" (PRETI, 1998, p. 119).

O estudo da gíria se insere nesse contexto. Determinados grupos de pessoas podem, por razões diversas, não seguir parte do uso lexical convencionado pela norma linguística, formando uma espécie de linguagem particular. Os jovens, em geral movidos talvez por um desejo de auto-afirmação, buscam se distanciar dos vocábulos tidos como formais.

Tal linguagem, quando consolidada, torna-se um *signo de grupo*, composto de vocabulário próprio, uma parte dele gírio. Quanto maior for a afinidade entre seus

integrantes, maior será a importância lexical. Quanto ao processo de formação das gírias, há basicamente dois, segundo Preti (1984, p. 5-6):

1. alteração do sentido original por meio de processo metafórico. Ex.: *piranha* (sentido original: tipo de peixe carnívoro; sentido metafórico: prostituta).
2. deformação dos significantes dos vocábulos. Ex.: *mulherengo* (pessoa do sexo masculino afoita por mulheres).

Urbano (2001, p. 182) acrescenta que podem ocorrer concomitantemente os dois processos, o de alteração (ou desvio semântico) e o de deformação. O autor defende que as gírias dificilmente criam termos novos. Elas, na verdade, normalmente recriam os antigos, em especial nos processos de deformação.

Gíria ou gíria comum: em busca de uma definição

Preti (1984; 1998; 2000) vê nas várias formas de mídia (jornal, televisão e outras) a principal fonte de expansão do vocabulário gírio de grupo a um maior número de falantes. Como veículo de comunicação de massa, os meios midiáticos têm como característica usar uma mesma forma de linguagem para um grupo amplo de pessoas, por mais heterogêneo que seja. O autor ilustra bem o tópico quando diz não haver duas telenovelas: há uma só, padronizada para a grande massa. Seguindo o mesmo raciocínio, percebemos que também não há dois telejornais nacionais, dois filmes, dois jornais impressos, duas crônicas.

Do ponto de vista sociolinguístico, interessa saber que a mídia procura padronizar e unificar a língua, enviando uma mesma mensagem aos vários cantos do país. Tem-se em

mente um leitor, ouvinte ou espectador padrão. Como consequência, segundo Preti, houve um inesperado prestígio social da linguagem popular, em especial na década de 1990. A gíria, até então tida como marginal e contestadora da norma seguida pela grande massa, é gradativamente incorporada ao vocabulário nacional e torna-se "um poderoso elemento expressivo da linguagem popular no sentido de transmitir os sentidos de rebeldia, insatisfação, agressividade, não raro por meio da ironia e do humor." (PRETI, 1998, p. 121) É importante registrar que um vocabulário, originado e usado estritamente num universo oral, migra também para a forma escrita e é por ela incorporado.

O vocabulário gírio, agora amplamente difundido, perde seu caráter de signo de grupo e muda de nome, passa a ser uma *gíria popular ou comum* ou *vocabulário popular*. Uma tarefa de difícil elucidação é determinar o exato momento em que o vocábulo deixa de ser restrito a um grupo e passa a se incorporar na fala de outras pessoas.

Uso das gírias nos diálogos de ficção

Preti (2003, p. 13-14) vê nos diálogos de ficção veiculados pela mídia uma excelente fonte de pesquisas para a análise da fala espontânea. O motivo seria a busca dos autores em representar a fala dos personagens o mais realisticamente possível. O pesquisador cita os casos de cenas de teatro, telenovelas e obras cinematográficas.

Curiosamente, o autor não inclui os quadrinhos, alvo de estudo seu em 1973, em que busca mostrar como é feita a caracterização dos níveis de fala nessa mídia. Preti entende que os quadrinhos poderiam representar um expressivo campo de pesquisas da fala.

Ele tomou como *corpus* 37 edições da revista *Mônica*, de Mauricio de Sousa. Nessa pesquisa, Preti constatou que havia diferentes níveis de fala, usados muitas vezes pelos

mesmos personagens em situações distintas. Os níveis, em linhas gerais, variavam do formal ao informal, fosse ele infantil ou não. Houve registro de uso gírio pela personagem *Tina*, então ligada ao estilo de vida próximo ao do movimento hippie. Ela utilizava vocábulos como "bicho", "careta", "meu", "inserido".

Mesmo identificando alguns diferentes níveis, o lingüista afirma claramente que o formal, mais próximo à variante culta da língua, dominava os diálogos no começo dos anos 1970. Nas palavras do autor,

os códigos morais pelos quais se pauta a atividade das editoras, os quais, atuando no sentido de transformar as revistas em quadrinhos em instrumento de educação coletiva, transferem essa intenção também para o plano da língua, preservando com zelo a ortografia oficial e nivelando a fala das personagens pela *norma culta*, o que impede, freqüentemente, qualquer identificação mais precisa dos *níveis sociolingüísticos*. (PRETI, 1973: 36)

Uma possível conclusão é que a maioria dos personagens dialogava usando um mesmo nível de fala, o mesmo utilizado pela variante culta. Isso explica o baixo número de gírias encontrado. Em termos estilísticos, obtém-se uma antítese: os aspectos visuais mostravam a personagem *Mônica* como uma criança, mas sua caracterização da fala, bem como seu uso lexical era própria de um adulto. É possível supor que um diálogo com uso maior de vocabulário popular fosse algo inimaginável nas histórias em quadrinhos de grande divulgação. Não havia, tanto por parte de produtores como de leitores da época, uma expectativa de encontrar construções extremamente informais.

A representação da fala nas histórias em quadrinhos

Na literatura, os diálogos dos personagens são representados por meio de discursos direto, indireto, direto livre e indireto livre. Especificamente no caso do direto, dá-se voz ao personagem, como num processo de citação. Os diálogos podem ou não ser acompanhados por verbos *dicendi* (tais como "disse", "falou" e outros).

Nas histórias em quadrinhos, o discurso direto é o principal (embora não o único) meio de representação da fala dos personagens. A diferença é que é feito em geral com o auxílio de balões, recurso visual que contém os caracteres escritos do diálogo. Ou, na definição de Eguti (2001: p. 77), é "um espaço onde são escritas as palavras proferidas pelas diversas personagens", podendo apresentar diferentes formatos. A indicação de quem é o falante de cada trecho é feita com o auxílio do apêndice (EGUTI, 2001, p. 78; RAMOS, 2007, p. 221) ou rabicho (SANTOS, 2002). O apêndice/rabicho tem função semelhante à do travessão nos diálogos literários e, visualmente, afunila-se na direção do personagem.

Para nossa linha de argumentação, interessa destacar que é por meio dos textos contidos dentro dos balões que é feita a caracterização verbal dos personagens numa história em quadrinhos. Em tese, o balão procura representar diálogos da língua oral, de forma mais ou menos expressiva. Pode, inclusive, contradizer as características visuais do personagem, como ocorreu em estudo feito por Preti (1973), citado anteriormente.

Descrição do corpus

É necessária uma análise prática para analisar a presença e a evolução das gírias. O *corpus* ideal seria abordar uma mesma história em quadrinhos, publicada em língua portuguesa em épocas diferentes. Descartamos edições produzidas por autores brasileiros pelo fato de manterem, em cada republicação, a tendência de reprodução exata da mesma caracterização verbal. Os olhares voltam-se, então, para materiais estrangeiros, traduzidos para o português em momentos distintos. Se possível, três ou mais traduções, de modo a aumentar o volume de dados a serem comparados.

O *corpus* proposto neste estudo é uma história do personagem *Homem-Aranha*, publicada no Brasil por três editoras diferentes – Editora Brasil América Ltda. (EBAL), Bloch e Abril -, em três datas diferentes (1970, 1976, 1997), com três traduções diferentes. EBAL e Abril a veicularam em preto e branco; Bloch, em cores. A história original teve sua primeira publicação no número 34 da revista norte-americana *Amazing Spider-Man*, de março de 1966, e é de autoria dos criadores do super-herói, Stan Lee e Steve Ditko.

A metodologia utilizada obedeceu aos seguintes critérios:

- levantamento de possíveis vocábulos gírios nos balões dos personagens em cada uma das três edições;
- confirmação do vocabulário gírio, com base nos critérios:
 - *definição de gíria, apresentada anteriormente;*
 - *presença do vocábulo em dicionários de gíria;*
 - *consideramos como gíria a palavra ou expressão gíria que correspondeu à definição defendida neste artigo e que constou num dos dicionários de gíria adotados; casos que não forem dicionarizados serão elencados separadamente.*

- análise das gírias em cada uma das edições;
- análise das gírias, comparando as três edições.

Por razões de espaço, serão apresentados apenas os principais resultados do levantamento.

A edição da EBAL (1970)

A história *The thrill of the hunt*, nome original americano, foi batizada pela EBAL como *O prazer da caçada*. A publicação brasileira ocorreu no *Almanaque O Homem-Aranha*, lançado no final de 1970. Ao longo das 20 páginas da história, levantamos 34 possíveis ocorrências de gíria. 18 se configuram efetivamente vocabulário gírio. A maioria das palavras encontra ao menos uma referência em dicionários de gíria, em especial naqueles posteriores à data da revista.

Analisando os registros como um todo, percebe-se que o maior número de gírias é usado pelos coadjuvantes secundários. Ocorre com o narrador, com um dos capangas, com o interesse romântico de *Parker, Gwen Stacy*, com a amiga de *Tia May* (que criou o personagem-título) e, mais visivelmente, em seis falas dos colegas de universidade do jovem herói. Juntos, os universitários chegam a usar mais vocabulário gírico do que *Peter Parker/Homem-Aranha*. Parece haver um cuidado dos tradutores da época em caracterizar os personagens secundários ou esporádicos com níveis de fala não formais. Optam pelo uso de gíria para ajudar na caracterização de um nível informal. Com relação aos personagens *Gwen Stacy* e colegas de universidade, é possível outra inferência. Por serem jovens, pode ter sido intenção dos tradutores o uso de vocabulário gírio para melhor caracterizá-los.

Peter Parker e *Homem-Aranha*, se considerados um personagem só, usam poucas gírias, cinco ao todo. Há aqui uma contradição, tal qual a apurada por Preti (1973) no estudo dos personagens de Mauricio de Sousa. *Parker*, mesmo sendo visualmente um adolescente, tem vocabulário e construções próprias de um nível de fala adulto. Apesar de não ser nosso objetivo extrapolar o limite da gíria, uma frase do personagem exemplifica tal uso. Na última página da história, a fala num dos balões é: "Temerei sua reação quando souber o segredo² que ocultei-lhe por tanto tempo?" Há um nítido formalismo no uso da linguagem, construído pela aproximação à norma culta da língua.

Outra constatação é com relação à evolução das gírias. Uma delas é a expressão gíria *tirá-la de circulação* (no trecho "Beleza, o sujeito que *tirá-la de circulação* vai ser o mais odiado da Universidade"), que aparentemente caiu em desuso ou não encontrou difusão suficiente que justificasse seu registro em dicionários.

Outra palavra merece menção: *boneca* (no trecho "Admita, *boneca!* Você me escolheu!"). Com idéia de "garota linda; broto legal"; como explica Silva (1973), "boneca" era uso comum até meados dos primeiros anos da década de 1970. Nos anos seguintes, adquire a conotação de "homossexual", como atesta Silva. Na década de 1990, mantém o sentido de pessoa homossexual. A revista em quadrinhos tem um registro de época neste vocábulo e particularmente revelante para este estudo. Infere-se que os tradutores da história se valeram de vocábulos orais comuns à época. Esse uso deu aos quadrinhos um outro *status*: o de serem uma relevante fonte para estudos de evolução léxica.

² Na palavra *segredo*, mantive a mesma acentuação do original ("segrêdo").



Figura 1 - "Admita, boneca!"

A edição da Bloch (1976)

A mesma história do personagem *Homem-Aranha* recebe o título de *A emoção da caçada* na edição da Bloch, de junho de 1976 (número 14 da revista). Nessa versão da história – publicada em cores e em formato menor do que o original –, marcamos 57 palavras que poderiam ter traços de vocabulário gírio; 25 se configuraram gírias, sete a mais que na versão da EBAL.

Os tradutores depositaram na palavra *cara* (no sentido de indivíduo ou com idéia fática) parte da informalidade pretendida. Ela aparece quatro vezes, no plural, *caras*, em um das ocorrências. É também o único vocábulo unanimemente gírio: consta em todos os dicionários de gíria, inclusive no *Dicionário dos marginais* (1968).

Outros dois registros merecem menção: o "*bom*" (caso 16) e *dado um gelo*, como mostram as figuras 2 e 3. O registro é em razão de um fato inusitado: ambas aparecem entre aspas. Descartada a hipótese de marcar ironia, é possível inferir que as aspas evidenciam ao leitor que não se trata de vocabulário comum à variante culta. Em outras palavras, parece

ter havido uma preocupação dos tradutores de marcar graficamente as duas ocorrências gírias. Há uma aparente contradição: destacam-se com sinais gráficos dois vocabulários gírios e se esquecem de marcar os demais.

Qual seria, então, o critério para o uso das aspas? Olhando o *corpus*, não é possível dar uma resposta precisa. Uma hipótese, que carece de confirmação em outras edições da Bloch, é a de que determinadas gírias, consideradas mais atuais ou exclusivamente orais ou de uso ainda inédito à escrita, seriam evidenciadas com aspas para "preparar" o leitor de que o vocábulo é informal. Qualquer que seja a resposta, temos aqui a constatação de que a editora tinha a intenção de inserir gírias para informalizar determinados diálogos, mesmo que tal inserção não ocorresse de forma consciente em todos os casos, o que justificaria a ausência de aspas nos demais vocábulos gírios.

Ainda sobre a expressão *dado um "gelo"*, não há registro dela nos dicionários de gíria. Há uma ocorrência de "gelo" em Gurgel (1998), mas com o sentido de esquecimento. Quem acusa o teor gírio é Houaiss (2001), admitindo ser comum à linguagem informal a expressão "dar um gelo", com idéia de evitar alguém. Os quadrinhos, também neste caso, anteciparam a dicionarização.



Figuras 2 e 3 – registros de *bancar o "bom"* e *dado um "gelo"*

Olhando os dados de um ponto de vista mais geral, repete-se a tendência de os coadjuvantes serem caracterizados com níveis de fala informais. Tendência que não apenas se repete, como se acentua também. *Gwen Stacy* aumenta consideravelmente o uso de vocabulário gírio (há três ocorrências), se compararmos com a edição da EBAL. *J. Jonah Jameson*, chefe de *Parker* e ausente nos casos do levantamento anterior, encontra dois registros. *Kraven*, o vilão da história, caracterizado na EBAL de maneira mais formal, arrisca algumas gírias (quatro casos). Em termos verbais, *Kraven*, *Gwen* e *Jameson* tornam-se personagens sensivelmente diferentes dos lidos na EBAL. O mesmo vale para *Peter Parker/Homem-Aranha*, que passa a usar mais gírias (oito casos).

A Bloch parece ensaiar o uso de vocabulário gírio, com vistas a tornar mais informal o nível de fala de todos os personagens, sem critério quanto a seus papéis sociais ou faixa etária. As aspas em dois casos reforçam a idéia de que ainda não dominam cem por cento tal uso, nem que exista um rigoroso critério para sua utilização. Assim como a EBAL, a Bloch antecipa gírias que viriam a ser dicionarizadas anos mais tarde.

A edição da Abril (1997)

A Editora Abril, nos anos em que deteve os direitos do personagem *Homem-Aranha*, sempre fez as publicações do super-herói em cores. A edição selecionada, de 1997, foi uma exceção. Faz parte de uma coleção que reunia suas primeiras aventuras. Todos os números da série especial foram editados em preto e branco, tal qual o fez a EBAL, décadas antes. O formato também era o mesmo da Editora Brasil-América Limitada. O título adotado é idêntico ao da versão da Bloch, *A emoção da caçada*.

34 dos 66 casos levantados se configuraram gírias. O material levantado fornece um volume consideravelmente maior de gírias e expressões gírias. Como os dados são relativamente recentes, de 1997, podemos perceber muitas construções familiares, embora nem todas dicionarizadas. É o caso de *vai nessa*, conotando idéia de "continue pensando desse jeito, uma ironia ao fato de a pessoa não mudar sua linha de raciocínio". (Você) não existe (caso 30) consta apenas no dicionário elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss (2001), que acusa a expressão como "ser excelente, boníssimo", comum ao nível informal. Postulamos que tais sentidos, por serem metafóricos e populares, configuram casos gírios.

O fato de o levantamento ter dados recentes traz também um problema: nem todos são de fácil classificação. *Encarar* (caso 32) encontra um registro em Gurgel (1998) e está dicionarizado no *Houaiss* (2001). A idéia é a mesma, de "enfrentar". É um vocábulo polêmico por estar na exata linha que separa a gíria de uma palavra dicionarizada e incorporada ao léxico nacional. Embora seja passível de questionamentos, e considerando que consta em dicionário de gíria contemporâneo à publicação da revista em quadrinhos, postulamos que tal vocábulo pode constituir gíria.



Figura 4 – "... encarar o seu mau hálito!"

O mesmo problema vale para *porrada*. Consta no Houaiss (2001) e em Gurgel. O sentido é de "soco, pancada". As observações feitas para *encarar* valem também para este caso. Se alguns vocábulos ou expressões suscitam justa polêmica, outros primam pela unanimidade. Em todos os dicionários de gíria consultados, *grana* e *cara* foram citados. No Houaiss, *grana* consta como própria de nível informal; *cara* aparece como já incorporado à língua. Desde os anos 1950, são vistas como gírias e ligadas ao vocabulário mais popular.



Figura 5 – “Ainda tenho *grana* das últimas fotos que vendi...”

Ainda sobre a palavra *cara*, sua incidência é alta, assim como ocorreu na Bloch. Cinco ocorrências ao todo, sendo uma delas com idéia de "rosto, face", também presente em dicionários de gíria. Já é possível dizer com mais segurança que foi uma das gírias preferidas pelos tradutores do personagem para alcançar informalidade.

Em termos expressivos, há um considerável uso de gírias. *Peter Parker/Homem-Aranha* é caracterizado com um nível de fala mais compatível à faixa etária adolescente. Há registro de 16 ocorrências gírias do personagem, número bem maior que o usado pelas

editoras anteriores. Mantém-se também a tendência de caracterizar os secundários, aqueles que têm uma aparição esporádica na história, com nível de fala informal. O destaque vai para os capangas, que se valem de seis ocorrências gírias. *Kraven*, o vilão, também aproxima a fala de um uso mais popular.

Há um evidente interesse maior pelo uso de gírias no caso da Abril. Interesse maior e, aparentemente, mais criterioso, tanto em relação à sua utilização quanto às características dos personagens. *Peter Parker* é visualmente um adolescente, caracterizado verbalmente como tal. O mesmo ocorre quando atua como *Homem-Aranha*, o que fica claro nas várias ironias feitas a seus oponentes. Nesse aspecto, há mais coerência em termos de caracterização do personagem se compararmos às edições anteriores.

As histórias em quadrinhos como documento histórico da língua oral

Iniciamos este artigo levantando uma série de questões e assumindo o risco de fazer um estudo sobre tema pouco explorado, interligando gírias e histórias em quadrinhos. É bem possível que outro pesquisador, caso consulte dicionários ou material diferentes do nosso, venha a obter resultados não coincidentes. Conforme o *corpus* ou os critérios adotados, duas análises podem seguir caminhos sensivelmente distintos. O território das gírias, como já alertado por Urbano (2001), é muito movediço.

Com base nos critérios evidenciados ao longo do estudo, pudemos perceber aspectos relevantes do ponto de vista sociolingüístico:

a) há um uso acentuado de gírias nas histórias em quadrinhos

- As gírias são uma das formas de caracterizar o nível de fala informal dos personagens. Nas edições mais antigas (caso da EBAL), o vocabulário gírio adquire importância ainda maior, já que muitas vezes é o único indício de informalidade dentro de uma construção mais próxima do formal.
- Não há um critério extremamente rigoroso na relação gíria / caracterização do personagem. Nas edições antigas, é regra coadjuvantes secundários se valerem de gírias para configurarem nível de fala informal; os personagens principais gozam de um nivelamento no nível formal, tal qual constatado em estudo de Preti, de 1973. Anos depois, o cenário é outro: na Abril, a informalidade atinge praticamente todos os personagens, não só os coadjuvantes.
- O aspecto verbal das histórias em quadrinhos, visivelmente negligenciado pelas editoras ao longo dos anos por razões ainda a serem exploradas a contento, é de suma importância para reforçar a caracterização de um personagem; do contrário, obtém-se uma uniformização de falas e, possivelmente, casos de incoerência entre o aspecto visual e o que é representado nos balões.

b) As histórias em quadrinhos seguem a tendência de outras mídias e incorporam gradativamente as gírias

- Há um visível aumento no uso de gírias com o passar dos anos. 18 na EBAL, 25 na Bloch, 34 na Abril.
- O preconceito com o vocabulário popular, do qual fazem parte as gírias, reduz-se com os anos. Um forte indicativo de que o uso gírio nos quadrinhos não era totalmente natural na década de 1970 são as aspas em gírias da Bloch ("*gelo*" e o

"*bom*"). A gíria vinha indicada para o leitor. A contradição é que as demais não eram acompanhadas de aspas, o que só reforça a falta de critério e de experiência no trato com tais vocábulos. Evidencia, também, que tanto produtores como leitores não estavam completamente acostumados a esse tipo de vocabulário na língua escrita. Saliente-se, no entanto, que o recurso de marcar as gírias com aspas não é exclusivo da Bloch; a própria EBAL costumava utilizar o recurso, embora não apareça nenhum caso na história do *Homem-Aranha* publicada pela editora. Na mesma edição da EBAL, no entanto, há uma história do *Quarteto Fantástico* em que um dos personagens diz que o outro é um "pão" (homem muito bonito ou atraente), gíria em desuso nos dias de hoje.

c) Os dados permitem inferir que as gírias escritas reproduzidas nos quadrinhos eram um possível reflexo do vocabulário oral popular usado à época

- Muitas foram antecipadas nas histórias em quadrinhos. Só seriam reconhecidas como gírias anos ou décadas depois. *Dado um "gelo"* corrobora a tese.
- Do ponto de vista histórico, as histórias em quadrinhos são um promissor campo para o estudo do léxico gírio, embora até o momento pouco explorado. *Boneca* talvez seja o dado mais relevante. É um registro de época. Seu sentido, anos depois, mudaria por completo.
- O vocabulário gírio nos quadrinhos permite pesquisas diacrônicas, como a feita por nós, e até mesmo sincrônicas, em que pode ser feita comparação entre dicionários de uma determinada época, próxima ao levantamento de um suposto *corpus*.

As histórias em quadrinhos se revelaram um campo extremamente promissor para as pesquisas lingüísticas. Limitamos o estudo ao levantamento e análise de gírias. Seria seguramente enriquecedor se fossem realizadas outras abordagens, não só com vocabulário gírio, mas também com aspectos expressivos, estilísticos, sintáticos. Há rico material para isso, até o momento pouco estudado.

Referências bibliográficas

- ALMANAQUE O HOMEM-ARANHA, Rio de Janeiro, EBAL, 1971.
- EGUTI, Clarícia Akemi. *A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos*. São Paulo: FFLCH/USP, 2001. [Dissertação de mestrado]
- ESSENTIAL THE AMAZING SPIDER-MAN. New York: Marvel Comics, 2002. v. 2.
- GURGEL, J. B. Serra. *Dicionário de gíria: modismo lingüístico - o equipamento falado do brasileiro*. 5 ed. Edição do autor: 1998.
- HOMEM-ARANHA, Rio de Janeiro, Bloch, n. 14, 1976.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- PRETI, Dino. O diálogo de ficção na mídia: TV, Cinema e Teatro. *Todas as Letras: Revista de língua e literatura*, Ano 5, n. 5. p. 13-26, 2003.
- _____. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: _____. (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000. p. 241-257.
- _____. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1984.
- _____. A gíria na sociedade contemporânea. In: VALENTE, André (org.) *Língua, lingüística e literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 119-127.
- _____. Níveis sociolingüísticos e revistas em quadrinhos. *Revista de Cultura Vozes*, n. 8. p. 33-41, 1973.
- RAMOS, Paulo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007. 424f. [Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa]
- SANTOS, Roberto Elísio dos. *Para reler os quadrinhos Disney: Linguagem, evolução e análise de HQs*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- SILVA, Euclides Carneiro. *Dicionário da gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.
- _____. *Dicionário de locuções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1975.
- SILVA, Felisbela. *Dicionário de gíria*. 5 ed. São Paulo: Prelúdio, 1974/1975. SPIDER-MAN COLLECTION, São Paulo, Abril, n. 8, 1997.
- TACLA, Ariel. *Dicionário dos marginais*. Rio de Janeiro: Record, 1968.

URBANO, Hudinilson. A gíria: um aspecto de sua criação numa amostragem dicionarizada da fala popular moderna. In: URBANO, Hudinilson et al. *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 181-199.

VIOTTI, Mario. *Novo dicionário da gíria brasileira*. São Paulo: Ind. Gráfica Bentivegna, 1956.

X-MEN, São Paulo, Panini. n. 4, abr. 2001.